

## Educação literária: questões que atravessam e são atravessadas pelo pensamento decolonial<sup>1</sup>

*Educación literaria: cuestiones que cruzan y son cruzadas por el pensamiento decolonial*

*Literary education: issues that cross and are crossed by decolonial thinking*

**Nelson de Jesus Teixeira Júnior<sup>2</sup>**

### Resumo

O presente artigo propõe uma discussão sobre aspectos da Literatura no espaço de aula, com vistas à formação crítica de professores que já atuam ou podem atuar através da reflexão de questões inerentes ao ensino decolonial. Trata-se de uma análise crítica referencial sobre os procedimentos pedagógicos, livros, legislativos e comportamentais que asseguram (e/ou não) plenamente uma experiência significativa para o professor, bem como para o aluno. Como fundamentação teórica e crítica, recorreremos aos pensamentos de Apple (2008), Bakhtin (2010), Coelho (2000), Freire (1997), Maldonado-Torres (2007) e Catherine (2007).

Palavras-chave: Ensino decolonial; Ensino literário; Professor.

### Resumen

Este artículo propone una discusión sobre aspectos de la literatura en el aula, con miras a la formación crítica de docentes que ya trabajan o pueden trabajar a través de la reflexión de cuestiones inherentes a la enseñanza decolonial. Es un análisis referencial crítico sobre los procedimientos pedagógicos, bookish, legislativos y de comportamiento que aseguran completamente (y / o no) una experiencia significativa para el maestro, así como para el estudiante. Como fundamento teórico y crítico, recurrimos a los pensamientos de Apple (2008), Bakhtin (2010), Coelho (2000), Freire (1997), Maldonado-Torres (2007) y Catherine (2007).

Palabras clave: Educación decolonial; Enseñanza literaria; Profesor.

### Abstract

This article proposes a discussion on aspects of Literature in the classroom, with a view to the critical formation of teachers who already work or can work through the reflection of issues inherent to decolonial teaching. It is a critical referential analysis on the pedagogical, bookish, legislative and behavioral procedures that fully (and / or not) ensure a meaningful experience for the teacher, as well as for the student. As a theoretical and critical

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de São José do Rio Preto – SP. Professor de “Estágio em Letras” na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus de Barreiras – BA. [njtjunior@uneb.br](mailto:njtjunior@uneb.br)

foundation, we resort to the thoughts of Apple (2008), Bakhtin (2010), Coelho (2000), Freire (1997), Maldonado-Torres (2007) and Catherine (2007).

Keywords: Decolonial education; Literary teaching; Teacher.

## **1. Breves considerações iniciais**

Após muitos anos atuando na área do ensino, parece tentadora a ideia de deleitar-se na condição de um professor experiente, que já sabe muito e não tem tempo para empregar as curtas horas disponíveis à teoria, ou melhor, a mas uma teoria. Esse artigo vem no sentido de contribuir na problematização da prática do ensino literário, agora para sinalizar um caminho tão pertinente a nós e ao aluno, a saber: o caminho da desconstrução de um espaço até então silencioso às insurgências de pessoas que querem, precisam e devem assumir seu direito de expressão.

Aqui não vamos no sentido de lançar sobre nós, professores do ensino básico, o fardo que algumas autoridades, alguns críticos, alguns teóricos e alguns administradores do ensino privado (e, por vezes, público) insistem em direcionar a nós. Ao contrário de nos culpar, aponta para um caminho de descoberta sobre si e sobre o outro. Por que não afirmar: libertador a tudo que possa burocratizar nossa prática de ensino e, mesmo, maneira como nos enxergamos nesse espaço de aula. Por fim, mesmo retomando, por vezes, o ensino da Literatura, realizamos considerações que ultrapassam, em muito, a área do ensino da Literatura.

## **2. Algumas questões que atravessam o ensino da literatura**

A insurgência de um ensino para todos e em nome de todos parece ser o desafio da escola real (aquela que escapa aos atos de algumas autoridades públicas desinformadas ou mal intencionadas), aquela que ocupa os guetos das cidades, aquela que não dispõe de todo investimento necessário, aquela que tem, anualmente, sua exposição e ataques públicos reforçados por meio de decretos, emendas ou leis. Mas, é nesse espaço de privação que os mais vulneráveis se concentram e que, sem dúvidas, não terão outra oportunidade de ascensão social, política e intelectual maior que a ofertada. Daí a necessidade de se pensar no que podemos – alunos, professores, coordenadores, diretores e autoridades públicas – contribuir.

Em primeiro plano, é necessário pontuar que o direito à expressão oral parece ser óbvio no espaço de aula da disciplina de Literatura, mas não ocorre dentro do que se espera. As razões são variadas, das quais pontuamos o curto tempo de aula, o que “empurra” o professor a cumprir a carga de conteúdos determinados pelo material didático. A comunicação é o primeiro direito a ser sacrificado nesse cenário limitador da aula, especialmente porque o diálogo é uma premissa para discussão, compreensão e problematização dos textos ficcionais.

A oralidade configura o espaço da sala de aula no sentido de que precisamos escutar ao que o outro tem a dizer e, ao mesmo tempo, reforça a ideia de que a aprendizagem vem dos livros, dos professores e das experiências dos alunos. Há, nesse instante, o princípio de democratização da participação, o que ecoará pelos espaços, urbano ou rural, que o discente ocupa. De fato, a valorização da expressão oral quebra, inclusive, a ditadura do silêncio que persiste sobre os vulneráveis no ato de esconder a violência sexual sofrida, de omitir sobre o abusador, de não denunciar a perversidade alheia, enfim, de não se proteger verbalmente frente às agências de proteção. A linguagem literária e a língua podem ser expressões dessas tensões que nos atravessam.

Bakhtin e Volochinov (2010) abordam uma das propriedades da língua que reforça o que temos apresentado até o momento, a saber: a interatividade. Nesse instante, retomamos a oralidade como a possibilidade de interagir por meio e em função dessa substância da língua. Seguem as considerações dos autores:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 127).

A realidade fundamental da língua transcende as representações gráficas e, para além de tudo isso, torna acessível a expressão do pensamento pela via do encontro com o outro. Por isso, as vozes são tão importantes no espaço de aula, seja da Literatura ou não.

A experiência é outro aspecto do ensino a se valorizar. Inquestionavelmente, a Literatura, por natureza, constrói um espaço de experiências infinitas, seja na sua forma de organização, seja na sua forma de relação com o leitor. A própria diversidade de gêneros, como a poesia, o conto, o romance, a novela, a crônica etc., viabiliza o momento do diverso,

seja no aspecto das identidades ou no aspecto das culturas em jogo nos textos. Segundo Coelho (2000):

Desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...] No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p. 29)

Essa relação de aprendizagem dialógica frente às artes provoca um estado de educação literária, condição necessária à aprendizagem pela via da ficcionalidade. Embora inicie no contato com o texto (no caso dos escritos), os efeitos dessa aprendizagem rompem as páginas das criações literárias.

Para além de possibilitar o acesso ao momento vivenciado pelo outro, a experiência provoca um estado de identificação entre o “EU” e o “OUTRO” e, nesse instante, nada tão insurgente quanto as próprias palavras sem a interferência externa de alguém que fale pelo outro. A própria narrativa quebra os estereótipos, amplia a autoidentificação e combate a visão reificada.

Paulo Freire (1997) tecendo reflexões sobre o ato de educar, indica a qualidade da vida no ato de ensinar e de aprender. Nesse instante de ocupação da sala, a burocracia não pode “abafar” os pensamentos, não pode limitar todos a uma peça na engrenagem, como se a escola fosse uma máquina e nós, integrantes dessa cultura, fossemos reduzidos às peças. Vejamos as considerações desse educador:

[...] o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe (FREIRE, 1997, p. 59).

O diálogo constrói uma atmosfera de solidariedade, condição tão necessária a esse momento de desilusão política, econômica e social que tomam o espaço brasileiro. Agora, mais do que antes, precisamos ouvir nossos alunos, nossos colegas, nossos iguais e diferentes.

Essa desconstrução do império das vozes imperialistas que tomam a sala de aula nos formatos dos livros, dos currículos e das posturas de quem controla a informação na escola tornam acessível o protagonismo dos alunos, o que fará bem à cultura escolar. Ainda sobre o contexto de imposição, não podemos deixar de considerar a construção de um currículo que,

se não promove dúvidas, deixa, “ao menos”, alguns protagonistas de fora da sua elaboração, como professores e alunos.

Michael Apple (2008) contextualiza a formação do currículo no cenário nacional e, por mais esperançosos que os professores, coordenadores, diretores e alunos sejam, o autor não deixa escapar o caráter de simulação próprio desse tipo de organização. Vejamos suas palavras:

As lutas educacionais estão intimamente vinculadas aos conflitos em áreas econômicas, políticas e culturais mais amplas. Assim, a influência crescente de posições direitistas em cada uma dessas áreas é acentuada e tem tido grandes efeitos na educação e nas políticas da identidade e da cultura, nas disputas sobre produção, distribuição e recepção do currículo, bem como nas relações entre mobilizações nacionais e internacionais. Juntos esses domínios formam o “palco” em que se encena atualmente o teatro político da educação (APPLE, 2008, p. 19).

A simulação toma tempo, custa dinheiro, beneficia a quem não precisa, retira de quem não tem e retarda, ainda mais, o tão desejado ensino eficiente e efetivo que aguardamos. O setor de educação não pode ser pensado por esses que, na maioria das vezes, veem como espaço oportuno para o beneficiamento próprio.

Esse cenário de indiferença política às esferas da educação leva desigualdade e opressão ao espaço de aula. Não apenas das ações determinadas sobre como conduzir a escola, mas em como ensinar, qual livro adotar e sobre qual modelo de professor e aluno se aguarda para esses que pensam a educação no país.

Maldonado-Torres (2007) apresenta um cenário longo e necessário à nossa compreensão do que se esconde a tais práticas que atacam a educação enquanto área que deveria libertar-nos dessas amarras impostas por quem tem conduzido o setor no país. Segundo esse autor:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

A colonialidade persegue nossa contemporaneidade e, para além de sua sobrevivência, provoca efeitos nocivos aos de sempre: as minorias. Nesse sentido, a compreensão desse fenômeno é necessária no fazer pedagógico do professor, seja o de Literatura ou não, especialmente no momento de selecionar textos, de pensar a democracia escolar e a relação dialógica entre todos na cultura escolar.

Outro aspecto importante no ensino é a perspectiva decolonial, a qual rompe com a persistente continuidade da colonialidade no espaço de ensino, nas posturas e políticas voltadas às escolas. Há um caminho possível para a liberdade das pessoas, para destruição das marras que obstruem a mobilidade cultural, identitária e social das pessoas. A perspectiva decolonial interrompe o silêncio, e, conforme aponta Catherine Walsh (2007):

[...] assumir esta tarefa implica um trabalho de-colonial dirigido a tirar as correntes e superar a escravização das mentes (como diziam Zapata Olivella e Malcolm X); a desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade (WALSH, 2007, p. 9).

Dessa maneira, ao apontar o trabalho da interculturalidade guardado, Catherine termina apontando aspectos do ensino decolonial. Esse é marcado pelo ativismo, pelo desafio aos que impõem obstáculos, enfim, pela insurgência dos reprimidos e invisibilizados.

Agora, retomamos outro aspecto da expressão da liberdade no espaço escolar. O domínio da escrita enquanto prática que concentra concepções de linguagem, que organiza o sentido pretendido quanto ao interlocutor e que diversifica a língua conforme o gênero produzido leva o discente a uma condição de mobilidade comunicativa diversa e inclusiva na aula de Literatura. O filme *Escritores da liberdade* retrata bem tal condição e, de fato, o domínio da escrita provoca, mesmo, a liberdade da criação, a liberdade da individualidade, enfim, a liberdade na forma de ver o mundo por meio das linguagens.

Associado à escrita, a leitura também liberta na aula de Literatura. Há um mito de que, ainda que não seja assumido, a leitura em sala de aula configura-se como uma estratégia para passar o tempo. Poucos levam a sério, inclusive professores, alunos e coordenadores. Quando levam a sério, determinam momentos específicos (com doses bemmmmm controladas) para tal atividade. Portanto, seria bom que nossos alunos fossem autônomos para realizarem suas leituras, ouvissem suas músicas e assistissem seus filmes, mas não são em número desejado.

### **3. Considerações finais**

Em face do que foi discutido até aqui, o ensino da Literatura pode funcionar como uma mola propulsora à destruição de antigas amarras que impedem a insurgência daqueles que, historicamente, foram perseguidos, reprimidos, estereotipados e inviabilizados. A linguagem literária já é própria às transgressões, sejam composicionais, conteudísticas ou comportamentais na construção da sua “realidade ficcional”.

Logo, em razão desse cenário de privação da voz, do corpo, da leitura e da escrita, a insurgência de vozes no espaço de aula fica quase impossível. Nesse instante, as amarras dos projetos, do currículo e das concepções de ensino devem ser revistas, pois o espaço de ensino deve ser coletivo, democrático, aberto, enfim, de todos que transitam por esse espaço de promoção da cultura e das identidades.

### Referências

APPLE, Michael Whitman. **Currículo, poder e lutas:** com a palavra, os subalternos. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000

**ESCRITORES DA LIBERDADE.** Direção: Richard Lagravenese. Produção: Richard Lagravenese. Roteiro: Richard Lavagranese, Erin Gruwell, Freedom Writers. Elenco: Hillary Swank; Patrick Dempsey; Scott Glenn, Imelda Staunton; April Lee Hernandez; Kristin Herrera; Jacklyn Ngan; Sergio Montalvo; Jason Finn; Deance Wyatt. EUA/Alemanha, 2007. Duração: 123 min. Genero: Drama.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser:** contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial.** Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial.** In: **Memórias del Seminário Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.